

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2023
12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 22/2023, de 3 de abril

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 2

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia os textos e as notas.

A rapariga¹ fica de perfil, o homem está de costas, conversam em voz baixa, mas o tom dela subiu quando disse, Não, meu pai, sinto-me bem, são portanto pai e filha, conjugação pouco costumada em hotéis, nestas idades. O criado veio servi-los, sóbrio mas familiar de modos, depois afastou-se, agora a sala está silenciosa, nem as crianças levantam as vozes, estranho caso, Ricardo Reis não se lembra de as ter ouvido falar, ou são mudas, ou têm os beijos colados, presos por agrafes invisíveis, absurda lembrança, se estão comendo. A rapariga magra acabou a sopa, pousa a colher, a sua mão direita vai afagar, como um animalzinho doméstico, a mão esquerda que descansa no colo. Então Ricardo Reis, surpreendido pela sua própria descoberta, repara que desde o princípio aquela mão estivera imóvel, recorda-se de que só a mão direita desdobrara o guardanapo, e agora agarra a esquerda e vai pousá-la sobre a mesa, com muito cuidado, cristal fragilíssimo, e ali a deixa ficar, ao lado do prato, assistindo à refeição, os longos dedos estendidos, pálidos, ausentes. Ricardo Reis sente um arrepio, é ele quem o sente, ninguém por si o está sentindo, por fora e por dentro da pele se arrepia, e olha fascinado a mão paralisada e cega que não sabe aonde há de ir se a não levarem, aqui a apanhar sol, aqui a ouvir a conversa, aqui para que te veja aquele senhor doutor que veio do Brasil, mãozinha duas vezes esquerda, por estar desse lado e ser canhota, inábil, inerte, mão morta mão morta que não irás bater àquela porta. Ricardo Reis observa que os pratos da rapariga vêm já arranjados da copa, limpo de espinhas o peixe, cortada a carne, descascada e aberta a fruta, é patente que filha e pai são hóspedes conhecidos, costumados na casa, talvez vivam mesmo no hotel.

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 10.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 26-27.

Nem sempre o trabalho corre bem. Não é verdade que a mão esquerda não faça falta². Se Deus pode viver sem ela, é porque é Deus, um homem precisa das duas mãos, uma mão lava a outra, as duas lavam o rosto, quantas vezes já teve Blimunda de limpar o sujo que ficou agarrado às costas da mão e doutro modo não sairia, são os desastres da guerra, mínimos estes, porque muitos outros soldados houve que ficaram sem os dois braços, ou as duas pernas, ou as suas partes de homem, e não têm Blimunda para ajudá-los ou por isso mesmo a deixaram de ter. É excelente o gancho para travar uma lâmina de ferro ou torcer um vime, é infalível o espigão para abrir olhais³ no pano de vela, mas as coisas obedecem mal quando lhes falta a carícia da pele humana, cuidam que se sumiram os homens a quem se habituaram, é o desconcerto do mundo. Por isso, Blimunda vem ajudar, e, chegando ela, acaba-se a rebelião, Ainda bem que vieste, diz Baltasar, ou sentem-no as coisas, não se sabe ao certo.

Uma vez por outra, Blimunda levanta-se mais cedo, antes de comer o pão de todas as
manhãs⁴, e, deslizando ao longo da parede para evitar pôr os olhos em Baltasar, afasta o pano
35 e vai inspecionar a obra feita⁵, descobrir a fraqueza escondida do entrançado, a bolha de ar
no interior do ferro, e, acabada a vistoria, fica enfim a mastigar o alimento, pouco a pouco se
tornando tão cega como a outra gente que só pode ver o que à vista está. Quando isto fez
pela primeira vez e Baltasar depois disse ao padre Bartolomeu Lourenço, Este ferro não serve,
tem uma racha por dentro, Como é que sabes, Foi Blimunda que viu, o padre virou-se para
40 ela, sorriu, olhou um e olhou outro, e declarou, Tu és Sete-Sóis porque vês às claras, tu serás
Sete-Luas porque vês às escuras, e, assim, Blimunda, que até aí só se chamava, como sua
mãe, de Jesus, ficou sendo Sete-Luas, e bem batizada estava, que o batismo foi de padre,
não alcunha de qualquer um. Dormiram nessa noite os sóis e as luas abraçados, enquanto as
estrelas giravam devagar no céu, Lua onde estás, Sol aonde vais.

José Saramago, *Memorial do Convento*,
27.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1998, pp. 91-92.

NOTAS

¹ *a rapariga* – referência a Marcenda Sampaio.

² *que a mão esquerda não faça falta* – referência ao facto de Baltasar ter regressado da Guerra da Sucessão Espanhola sem a mão esquerda, que foi substituída por um gancho e por um espigão.

³ *olhais* – aberturas ou aros em que entra um espigão.

⁴ *antes de comer o pão de todas as manhãs* – referência ao facto de Blimunda possuir poderes extraordinários que lhe permitem, quando se encontra em jejum, ver «o que está dentro dos corpos, e às vezes o que está no interior da terra».

⁵ *obra feita* – referência à construção da passarola, uma máquina voadora idealizada pelo padre Bartolomeu Lourenço.

- * 1. Compare, com base em dois aspetos distintos, o modo como Marcenda e Baltasar reagem à impossibilidade de usarem a mão esquerda.

- * 2. A forma como pai e filha são tratados no hotel permite concluir que são clientes habituais. Apresente duas evidências que comprovem esta afirmação.

- * 3. Explique em que medida se pode afirmar que as expressões «Tu és Sete-Sóis porque vês às claras, tu serás Sete-Luas porque vês às escuras» (linhas 40 e 41) e «Lua onde estás, Sol aonde vais» (linha 44) evidenciam a relação que, no excerto, se estabelece entre Baltasar e Blimunda.

PARTE B

Leia o poema e as notas.

Quem vê, Senhora, claro e manifesto¹
o lindo ser de vossos olhos belos,
se não perder a vista só em vê-los,
já não paga o que deve a vosso gesto².

5 Este me parecia preço honesto;
mas eu, por de vantagem merecê-los,
dei mais a vida e alma por querê-los,
donde já me não fica mais de resto.

10 Assi que a vida e alma e esperança
e tudo quanto tenho, tudo é vosso,
e o proveito disso eu só o levo.

Porque é tamanha bem-aventurança³
o dar-vos quanto tenho e quanto posso
que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

Luís de Camões, *Rimas*, edição de A. J. da Costa Pimpão,
Coimbra, Almedina, 1994, p. 125.

NOTAS

¹ *claro e manifesto* – de forma clara e incontestável.

² *gesto* – rosto.

³ *bem-aventurança* – grande felicidade.

* 4. Explícite, com base em dois aspetos significativos, o modo como o sujeito poético reage à figura feminina evocada no poema. Fundamente a sua resposta com transcrições pertinentes.

5. Considere as afirmações seguintes sobre o soneto.

(A) Entre a Senhora e o sujeito poético existe uma relação de igualdade.

(B) O sujeito poético dirige-se à Senhora através de uma apóstrofe.

(C) A expressão «perder a vista» (verso 3) é usada com sentido metafórico.

(D) O sujeito poético arrepende-se de desejar algo cujo preço elevado o impede de saldar a dívida.

(E) O poema ilustra o estilo engenhoso do poeta, nomeadamente no último terceto, quando recorre à antítese e ao paralelismo alcançado através do jogo de palavras.

Identifique **as duas afirmações falsas**.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e as duas letras que correspondem às afirmações selecionadas.

6. Selecione a opção que completa corretamente a frase seguinte.

Na segunda quadra, o sujeito poético pretende enfatizar

- (A) o contraste entre o preço a pagar para contemplar a Senhora e a bem-aventurança que alcança.
- (B) a ideia de que, ao dar a vida e a alma para ser merecedor da beleza da Senhora, se iguala aos outros.
- (C) a sua entrega incondicional, a fim de ser merecedor de admirar a beleza singular dos olhos da Senhora.
- (D) o seu descontentamento por ter de pagar o «preço honesto» exigido a quem contempla a Senhora.

PARTE C

Leia a cantiga de amor a seguir transcrita, tendo em vista o estabelecimento de uma comparação com o soneto camoniano apresentado na Parte B desta prova.

A dona que eu am'e tenho por senhor
amostrade-mi-a, Deus, se vos en prazer for¹,
senom dade-mi² a morte.

5 A que tenh'eu por lume³ destes olhos meus
e por que choram sempr', amostrade-mi-a, Deus,
senom dade-mi a morte.

Essa que vós fezestes melhor parecer
de quantas sei, ai, Deus!, fazede-mi-a veer⁴,
senom dade-mi a morte.

10 Ai Deus! que mi a fezestes mais ca mim amar⁵,
mostrade-mi-a, u⁶ possa com ela falar,
senom dade-mi a morte.

Cantigas Medievais Galego-Portuguesas, Vol. I, edição de Graça Videira Lopes,
Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2016, pp. 151-152.

NOTAS

¹ *amostrade-mi-a, Deus, se vos en prazer for* – mostrai-ma, Deus, se vos agradar.

² *dade-mi* – dai-me.

³ *lume* – luz.

⁴ *fazede-mi-a veer* – fazei-me vê-la.

⁵ *mi a fezestes mais ca mim amar* – fizeste com que eu a amasse mais do que a mim próprio.

⁶ *u* – onde.

* 7. Escreva uma breve exposição na qual compare os poemas das partes B e C quanto às ideias expressas.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução;
- um desenvolvimento no qual explicita um aspeto em que os poemas se aproximam e um aspeto em que os poemas se distinguem;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do texto.

GRUPO II

Leia o texto.

Olhar o céu numa noite escura, longe de cidades e regiões densamente povoadas, revela um manto escuro densamente estrelado ao qual é difícil ficar indiferente (até um robô deve ficar fascinado). Um espetáculo de uma simplicidade profunda, mas que cada vez menos pessoas têm a oportunidade de ver, pelos mais variados motivos. Sobretudo em Portugal, um dos países do mundo com maior poluição luminosa, que se tem vindo a acentuar cada vez mais.

Nos centros urbanos, e nos subúrbios, é hoje praticamente impossível vermos a nossa própria casa celeste, a Via Láctea. Isso leva a algo estranho e paradoxal. O progresso por vezes frenético da ciência e do conhecimento em geral leva-nos hoje à ideia mais nítida de sempre sobre de onde vimos, como chegámos aqui, e do nosso lugar no Universo. No entanto, nunca tantas e tantos de nós estiveram tão distantes de conseguir olhar e ver o céu na sua plenitude. O céu, de onde vimos, para onde tudo o que nos compõe acabará por voltar, ainda que faltem milhares de milhões de anos. Olhar o céu é apontar em direção às nossas origens cósmicas, mas nunca tantos de nós irão viver sem ver o céu plenamente estrelado durante tantas noites ao longo das suas vidas. Nunca tantos de nós dirigiram o olhar maioritariamente para baixo. Um olhar focado em pequenos ecrãs que operamos com as nossas mãos e que nos tornam por vezes cada vez mais isolados. Num mundo que é cada vez mais global, mas por vezes tão conectadamente desconectado.

A nossa viagem em busca das nossas origens, olhando ou não o céu, parece ter começado muito, muito cedo. Desde então, descobrimos que não somos nem estamos de todo no centro do mundo, do Universo. O Universo é de tal forma imenso que, em comparação, somos total e completamente insignificantes, espacial e temporalmente. Somos total e brutalmente insignificantes.

Surpreendentemente, ainda nos socorremos de argumentos falsos mas convenientes. Coisas que nos dizem que, afinal, somos mesmo muito importantes. Potencialmente eternos, especiais. O céu, na sua beleza e grandiosidade, mas sobretudo na sua capacidade para nos manter humildes e individualmente irrelevantes, é ainda a melhor ferramenta para nos apercebermos do quão ligados estamos. Estamos ligados uns aos outros, ao nosso planeta, ao sistema solar, à nossa galáxia. Paradoxalmente, olhar o céu e estudar o Universo é uma das formas mais profundas e eficazes de nos valorizarmos humanamente no contexto da vida na Terra. Um planeta único, belo, frágil. Tudo, sem inflamar demasiado o ego e sem termos a mania de que somos demasiado bons.

David Sobral, *Qual É o Nosso Lugar no Universo?*, Lisboa, Planeta, 2022, pp. 21-22.

* 1. Segundo o autor do texto, olhar o céu estrelado constitui uma experiência

- (A) que está dependente do contexto em que se encontra aquele que observa o céu.
- (B) acessível a todos aqueles que se dispõem a olhar o céu das cidades numa noite escura.
- (C) que capta uma beleza imensa que, por definição, nem a luz artificial consegue impedir.
- (D) cuja plena concretização se torna impossível, qualquer que seja o local de observação.

2. Através da expressão «estranho e paradoxal» (linha 7), depreende-se que

- (A) o uso de aparelhos tecnológicos permite aceder a um vasto conhecimento sobre o Universo, sem necessidade de erguer os olhos para ver as estrelas.
- (B) o ser humano constrói um conhecimento cada vez mais amplo sobre as suas origens, o que torna irrelevante a observação do céu em busca de respostas.
- (C) a luz produzida artificialmente é compatível com a observação da Via Láctea, galáxia a que o planeta Terra pertence, se o ser humano a tal se dispuser.
- (D) o ser humano detém um conhecimento cada vez mais aprofundado, todavia não olha o céu, no qual se encontram respostas para a sua existência.

* 3. De acordo com o autor do texto, os estudos levados a cabo sobre o Universo permitiram

- (A) mostrar a desproporção entre a imensidão do Universo e a pequenez do ser humano.
- (B) constatar a importância do ser humano no Universo e levar à exacerbação de egos.
- (C) evidenciar um elevado número de dúvidas sobre a importância da nossa origem.
- (D) trazer a esperança de que os seres humanos possam vir a tornar-se eternos.

4. A fim de pôr em destaque a intrínseca e inquebrável relação do homem com o Universo, o autor recorre a

- (A) uma hipérbole, presente em «manto escuro» (linha 2).
- (B) uma hipérbole, presente em «nossa própria casa celeste» (linhas 6 e 7).
- (C) uma metáfora, presente em «manto escuro» (linha 2).
- (D) uma metáfora, presente em «nossa própria casa celeste» (linhas 6 e 7).

* 5. O pronome pessoal «nos» desempenha a função sintática de complemento direto em todas as expressões abaixo apresentadas, **exceto** em

- (A) «nos tornam» (linha 16).
- (B) «nos manter» (linha 26).
- (C) «nos dizem» (linha 24).
- (D) «nos compõe» (linha 11).

* 6. Tal como em «que não somos nem estamos de todo no centro do mundo, do Universo» (linhas 19 e 20), está presente uma oração subordinada substantiva completiva em

- (A) «ainda que faltem milhares de milhões de anos» (linhas 11 e 12).
- (B) «de onde vimos» (linha 9).
- (C) «que, afinal, somos mesmo muito importantes» (linha 24).
- (D) «que operamos com as nossas mãos» (linha 15).

7. A única expressão em que estão presentes exemplos dos três tipos de dêixis (temporal, espacial e pessoal) é

- (A) «A nossa viagem em busca das nossas origens, olhando ou não o céu, parece ter começado muito, muito cedo» (linhas 18 e 19).
- (B) «leva-nos hoje à ideia mais nítida de sempre sobre de onde vimos, como chegámos aqui» (linhas 8 e 9).
- (C) «somos total e completamente insignificantes, espacial e temporalmente» (linhas 20 e 21).
- (D) «Olhar o céu é apontar em direção às nossas origens cósmicas» (linhas 12 e 13).

* GRUPO III

«Nunca tantos de nós dirigiram o olhar maioritariamente para baixo. Um olhar focado em pequenos ecrãs que operamos com as nossas mãos e que nos tornam por vezes cada vez mais isolados. Num mundo que é cada vez mais global, mas por vezes tão conectadamente desconectado.»

David Sobral, *Qual É o Nosso Lugar no Universo?*, Lisboa, Planeta, 2022, p. 21.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a posição assumida por David Sobral quanto ao impacto da tecnologia nas relações humanas.

No seu texto:

- explicite, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- formule uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2023/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	3.	4.	7.	1.	3.	5.	6.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	5.	6.	2.	4.	7.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
TOTAL											200